



Revista Linguagem – 15ª Edição / www.lettras.ufscar.br/linguagem

A FRAGMENTAÇÃO E O REDUCIONISMO DO SABER: A DESESTRUTURAÇÃO DO CIENTISTA CRÍTICO E REFLEXIVO

Lafity dos Santos Silva¹

Como definirmos o Conhecimento científico? Ao fazermos ciência, qual caminho devemos trilhar, o caminho que busca cada vez mais uma super-especialização ou um caminho em que o conhecimento interdisciplinar e mais generalizado deve ser priorizado? É em torno desses questionamentos que discutiremos.

Discussões teóricas

Possenti (2004) afirma que geralmente há duas formas básicas de analisar a história do conhecimento, seja este geral ou de um campo mais específico. Segundo o autor, a tradição mais poderosa produz uma representação de conhecimento cumulativo e progressivo, assim “(...) Haveria uma progressiva sofisticação das teorias, fruto de um progresso da razão, de uma correspondente sofisticação das técnicas e dos instrumentos, e esta conjunção faria o conhecimento avançar..., para um certo fim,...” (p.355), mas tal progresso do conhecimento é, segundo Possenti, limitado, por conceber que a ciência atinge seu limiar, i.é, que não há mais nada a se descobrir. A outra forma de se conceber tal problemática, segundo o autor, é o processo de ruptura. Tal processo considera que o conhecimento não se produz de modo cumulativo, mas “... por saltos e mudanças em relação às etapas anteriores” (p.355), nessa perspectiva, as novas teorias representam, na visão de Possenti, um abandono de teorias anteriores, ou por estarem esgotadas ou por novas problemáticas ou vontades de verdade tomarem seu lugar, i.é, trata-se, segundo Possenti, de um outro olhar sobre a história. Ruptura significa para esse autor uma maneira de instaurar uma nova problemática, esta é a condição necessária tanto da cientificidade quanto da implementação de uma nova teoria.

Ademais, não podemos deixar de mencionar aqui a diferença existente entre o conhecimento baseado em crenças, de um modo geral, visto como aquilo que tomamos como verdade e que adquirimos em nossas experiências do dia-a-dia, e o conhecimento científico, visto como algo mais “palpável”, analisado, que se desenvolve através da técnica, da observação, da certeza.

¹ Bolsista Capes. Mestranda na área de Estudos de Linguagem pela UFPI. Integrante do grupo de pesquisa Cataphora. E-mail: lacf2806@gmail.com

Chauí (2000) traça diferenças entre o Senso Comum e a Ciência, um dos questionamentos que introduz o capítulo 1 da unidade 7 intitulado como “Atitude científica” feitos pela autora é: “O Sol é menor do que a Terra. Quem duvidará disso se, diariamente, vemos um pequeno círculo avermelhado percorrer o céu, indo de leste para oeste?”. Porém, segundo Chauí (2000), a astronomia, com um caráter totalmente científico, demonstra que o sol é maior do que a terra e é a terra que se move ao redor do sol, ao contrário do que pensa o senso comum. Chauí (2000) mostra ainda algumas características do senso comum, tais como: a subjetividade (que exprime sentimentos e opiniões individuais e de grupos, variando de uma pessoa para outra, ou de um grupo para outro, dependendo das condições em que vivemos), o caráter qualitativo (as coisas são julgadas por nós como grandes ou pequenas, doces ou azedas, assim sucessivamente), caráter heterogêneo (referem-se a fatos que julgamos diferentes, porque os percebemos como diversos entre si) a individualização (são individualizadores por serem qualitativos e heterogêneos, isto é, cada coisa ou cada fato nos aparece como um indivíduo ou como um ser autônomo) e a generalização (tendem a reunir numa só opinião ou numa só idéia coisas e fatos julgados semelhantes).

O que diferencia a atitude científica do senso comum, segundo Chauí (2000), é o fato de a Ciência desconfiar de algo que é visto por parte da sociedade como verídico, o que caracteriza nossa falta de curiosidade, bem como a ausência científica. Então, conforme Chauí (2000), onde costumamos ver fatos, a Ciência vê problemas e obstáculos. Mostra também algumas características particulares do cientificismo, quais sejam: a ciência é objetiva e quantitativa, i.é, procura as estruturas universais e necessárias das coisas investigadas, além do mais, trabalha com padrões de critérios e avaliação. Assim, segundo a autora, os fatos são construídos não pela experiência cotidiana, não por tradições cristalizadas, mas pelo trabalho da investigação científica, i.é, pela investigação metódica e sistemática, pelo trabalho racional e coerente sobre a realidade.

A nosso ver, o que é marcante nesse capítulo escrito por Chauí (2000), é a convicção que costumamos ter diante das coisas, tornando-a fato, é a nossa maneira de fazer ciência através de observações rotineiras vivenciadas, sem ao menos nos perguntarmos o “por que” dos fenômenos que acontecem. Por outro lado, o fazer científico torna-se algo crucial em nossas vidas, pois procura-se buscar respostas para as muitas indagações existentes, mas as respostas encontradas passam por comprovações através de uma investigação científica.

O Fazer ciência envolve conhecimento, e tal conhecimento é algo que caminha mais e mais para um estado de fragmentação, i.é, as diversas áreas do conhecimento tem seguido um viés cada vez mais específico, por exemplo, a Linguística tem várias subdivisões, dentre elas, a Linguística de texto, a Linguística da enunciação, a Sociolinguística, a Pragmática,..., mas mesmo dentro dessas áreas específicas há categorias de análise escolhidas por um pesquisador para tornar-se um hiper-especialista, assim categorias referenciais como a anáfora, catáfora, categorização, recategorização, nomes próprios, descrições definidas e indefinidas, assim sucessivamente, fazem parte da vida de diferentes estudiosos da linguagem. Dessa forma, não somos mais especialistas em linguística de texto de um modo geral, mas sim, hiper-especialista em nomes próprios ou em anáfora ou em categorização... . A problemática que envolve a super-especialização é trabalhado por Morin (2006, p.15), vejamos:

“Os desenvolvimentos disciplinares das ciências não só trouxeram as vantagens da divisão do trabalho, mas também os inconvenientes da super-especialização, do confinamento e do despedaçamento do saber. Não só produziram o conhecimento e a elucidação, mas também a ignorância e a cegueira.”

Segundo Morin (2006), esse despedaçamento do saber promove a dispersão do conhecimento, do saber, tendo em vista que os especialistas não conseguem sequer dominar assuntos atuais referentes à sua área. Então contextualizar-se diante do grande número de informações acrescidas dia-a-dia constitui-se um desafio para os profissionais ligados às inúmeras áreas do conhecimento, nas palavras de Morin (2006) “Cada vez mais, a gigantesca proliferação de conhecimento escapa ao controle humano”(p.17), corroborando as consequências trazidas pela super-especialização.

Ainda, segundo Morin (2006), a globalidade pressupõe a compreensão das partes e do todo e do todo e das partes em um processo cíclico, interdependente e interativo, dito de outro modo, a especialização torna-se importante quando aliada também ao todo, i.é, a integralização de conhecimentos é vista como algo essencial. Assim, essa capacidade de pensar na complexidade de contextualizar e integrar um fato se opõe aos conhecimentos fragmentados que servem somente para usos técnicos.

Tal problemática do conhecimento científico tratada por Morin (2006) dá-se também na concepção de Méis (2006), sobretudo quando este trata do processo de institucionalização da ciência, tal institucionalização implica um ciclo que a cada dia tem um aumento significativo de trabalhos de cientistas publicados.

Contudo, sabemos que um mesmo fenômeno pode ser abordado de múltiplas maneiras, autores como, por exemplo, Morin e Méis criticam a divisão de saberes, consideram que tal fragmentação impossibilita a percepção de problemas que só podem ser visto quando posicionado no todo, no contexto. Para Morin (2006), a superespecialização acarreta ignorância e cegueira, impedindo a contextualização de modo conjuntural. Méis (2006) atribui a superespecialização como consequência da dificuldade em lidar com a grande quantidade de informações e a linguagem cada vez mais específica, impede o acesso de uma área do saber a outra, por exemplo, um biólogo não permite ao cientista das exatas apropriar-se de conhecimento que poderia ser compartilhado de forma totalizada para a sociedade, utilizado cada vez mais uma linguagem mais específica, implicando numa não clareza. Afirma ainda Méis que no início da revolução científica, o conhecimento enciclopédico era muito maior do que o disponível na Grécia Antiga, mas o volume de informações científicas que havia registrado era pequeno, dessa forma, professores dos séculos XVIII e XIX eram capazes de ensinar diferentes áreas do conhecimento com uma visão multidisciplinar, por isso muitos dos homens cultos detinham ao mesmo tempo, por exemplo, conhecimento de Química, Matemática, Biologia. Nos dias atuais, segundo Méis (2006), o número de publicações e de revistas científicas aumentou significativamente, o que impossibilita o nosso conhecimento multidisciplinar e possibilita um ambiente mais propício para uma super-especialização.

A concepção de Santos (2003) de que todo o conhecimento é local e total guarda semelhanças com o que Morin (2006) e Méis (2006) argumentam sobre a superespecialização. Pois Santos (2003) afirma que “na ciência moderna o conhecimento avança pela especialização” (p.73), i.é, o saber é fragmentado, é segregado, sai de um âmbito de conhecimento generalizado para um mais específico. Tal parcelização do conhecimento faz, segundo Santos, do cientista um ignorante especializado, o que implicará em efeitos negativos visíveis para a ciência e para a sociedade. Ainda segundo Santos (2003):

“Os males desta parcelização do conhecimento e do reducionismo arbitrário que transporta consigo são hoje reconhecidos, mas as medidas propostas para os corrigir acabam em geral por reproduzir sob outra forma”. (p.75)

Para Santos (2003), as novas disciplinas criadas na tentativa de se resolver problemas produzidos pelas antigas disciplinas reproduz o mesmo modelo de cientificidade, não gerando nada novo. Ou seja, permanece, quando se trata do conhecimento: o reducionismo e a parcialização.

Ao lermos o texto de Calvino (1994) que se intitula “Palomar na praia”, depreende-se que a visão de Palomar constitui-se tal qual o olhar de um pesquisador ligado a objetivos precisos, bem como limitados, algo que se assemelha ao que Morin (2006), Méis (2006) e Santos (2003) concebem de superespecialização.

Considerações finais

Sabe-se que é importante estudar os objetos de forma a delimitá-lo dentro de uma área do saber, no entanto, é preciso que a integralização com outras áreas do conhecimento não seja descartada, possibilitando um estudo de problemas essenciais dentro de um campo global, i.é, que envolve a situação contextual. Temos convicção de que tornou-se um desafio para nós nos contextualizar diante do leque de informações que nos são postas todos os dias e de que deve ser uma necessidade de todo e qualquer profissional aprender novos saberes e habilidades. Entende-se aqui que um profissional independente de sua área deve ser um profissional reflexivo e crítico.

Referências bibliográficas

CALVINO, Ítalo. *Palomar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.

MÉIS, Leopoldo de. *Método científico e ensino de ciências*. Fonte: www.tvebrasil.com.br/salto (série 2006)

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

POSSENTI, Sírio. *Teoria do discurso: Um caso de múltiplas rupturas*. In: MUSSALIM, F. & BENTES, Ana C. (Orgs). *Introdução à Lingüística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortez, 2003.

Recebido em: 20 de setembro de 2010.

Aceito em: 5 de outubro de 2010.